

STRAUSS, Claude-Lévi. **A antropologia diante dos problemas do mundo moderno**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. 94p.

Claude Lévi-Strauss e os problemas do mundo moderno

THIAGO RODRIGO NAPPI*



O estruturalismo foi uma das vertentes que mais proporcionou os progressos das ciências humanas no século XX, seja pelo fato daqueles que aderiram a tal método, seja pelos vários que o combateram. E o antropólogo francês Claude Lévi-Strauss (1908 – 2009) foi inegavelmente o seu grande expoente. O objetivo confesso do autor sempre foi o da aplicação na antropologia e nas ciências sociais de um modelo linguístico. E o objeto da ciência linguística, segundo ele informa, foi o sistema de signos, proveniente da determinação mútua da corrente sonora do significante e da corrente conceitual do significado. Esse sistema é a estrutura. Ele ainda considerava que o sentido de um termo não se definia por sua relação com um objeto, mas sim por sua ligação com as outras palavras da linguagem. E por fim, é preciso dizer que a estrutura está encerrada em si mesma, compreendida numa organização lógica como propriedade do real.

Mas possivelmente foi no estudo dos sistemas de parentesco que Lévi-Strauss melhor aplicou o seu método. Como a linguagem, com efeito, o sistema é estabelecido não ao nível dos termos, mas de “duplas de relação”: marido-mulher, pai-filho, irmão-irmã, tio materno e filho da irmã etc. Ainda como a linguagem, o parentesco é um sistema de comunicação. Ele não se desenvolve espontaneamente a partir de uma situação

de fato, mas como um sistema arbitrário de representações: este não seria uma modalidade biológica, mas uma aliança humanamente concebida. O parentesco é, portanto, uma linguagem, pois ele assegura algum tipo de comunicação entre os indivíduos e os grupos.

Em suma, o estruturalismo na aparelhagem teórica de Lévi-Strauss visa a um código universal, pois ele crê em um sistema de combinações possíveis e aplicáveis na compreensão de qualquer realidade. O autor admite no fundo dos sistemas sociais uma infraestrutura formal, um pensamento inconsciente, uma antecipação do espírito humano como se a ciência estivesse já feita nas coisas e como se a ordem humana da cultura fosse uma segunda ordem natural. A estrutura é praticada pelos sujeitos vivendo em sociedade como sendo eles mesmos. É toda essa complexa concepção teórica que pode ser enxergadas em seus clássicos estudos *As estruturas elementares do parentesco* e *Antropologia estrutural*, por exemplo.

Claude Lévi-Strauss viveu por mais de cem anos, e as inquietações ali apresentadas eram as de muitas décadas atrás. Porém, o autor foi ativo até o fim da vida. E pode observar as implicações da diversificada realidade da virada do século XX para o XXI, e parece que sem deixar aquela sua metodologia de lado ao analisá-las. E é isso o que ele fez em seu livro póstumo *A antropologia diante dos*

problemas do mundo moderno, organizado pelo historiador belga Maurice Olender, e que foi publicado no Brasil em 2012. A obra é composta de três breves e fluidos capítulos, frutos de conferências apresentadas por Lévi-Strauss no final dos anos 1980. As partes componentes são, nessa ordem: “O fim da supremacia cultural do Ocidente”, “Três grandes problemas contemporâneos: a sexualidade, o desenvolvimento econômico e o pensamento mítico” e “Reconhecimento da diversidade cultural: o que nos ensina a antropologia”. A literalidade dos parágrafos, ao mesmo tempo em que as frases são plenas de erudição, demonstra o autor em uma fase de grande maturidade intelectual. Apesar dessas quase três décadas decorridas, é impressionante a atualidade das questões expostas por Lévi-Strauss.

Muitos dos problemas que estão na ordem do dia, já haviam sido objetos de preocupação por parte do autor. Para ele,

o número de seres humanos não parou de crescer, a tal ponto que, em várias regiões do mundo, já não se chega a satisfazer as necessidades elementares de populações sujeitas à fome. Em outros lugares, nas regiões capazes de garantir sua subsistência, ainda assim se manifesta um desequilíbrio pelo fato de que, para dar trabalho a indivíduos cada vez mais numerosos, é necessário produzir cada vez mais. Sentimos, assim, arrastados numa corrida sem fim rumo a uma produtividade maior. A produção apela ao consumo, que, por sua vez, exige ainda mais produção. Frações cada vez maiores de população são como que aspiradas pelas necessidades diretas ou indiretas da indústria. Vão se concentrar em enormes aglomerações urbanas que lhes impõem uma existência artificial e desumanizada. O funcionamento das

instituições democráticas, as necessidades de proteção social provocam, por sua vez, a criação de uma burocracia invasora que tende a parasitar e a paralisar o corpo social. Chegamos a nos perguntar se as sociedades modernas construídas sobre esse modelo não se arriscam a, em breve, se tornar ingovernáveis. (p.11).

A citação é longa, de fato. Mas cabe plenamente para caracterizar às realidades contemporâneas. Os problemas que preocupavam Claude Lévi-Strauss naquele momento, continuam presentes, e a situação parece ter se agravado e muito desde então. Daí a necessidade de se repensar os modelos atuais, não apenas descartar os conceitos e banir as instituições, como muitos querem fazer com o Estado, por exemplo. O que é preciso é que se reencontre os sentidos dessa civilização que se denominava ser a do progresso e que se esfacelou. “Também podemos indagar se nosso futuro econômico não exige que preservemos ou restauremos, no processo de produção, os fatores psicológicos, sociais e morais” (p.61). Talvez a leitura desses textos esclarecedores de Claude Lévi-Strauss seja mais um auxílio para o enfrentamento de todos esses problemas vivenciados pelos indivíduos do mundo moderno. Ao mesmo tempo em que mostra um Lévi-Strauss retomando os próprios conceitos, o livro proporciona uma reflexão sobre questões prementes.

*Recebido em 2013-08-12
Publicado em 2013-12-11*



* **THIAGO RODIRGO NAPPI** é Mestrando em História pela UEM; Bacharel e Licenciado em Ciências Sociais pela UEL.